

FRAGMENTOS DESDOBRADOS: OS RASTROS DE *GRANDE SERTÃO*:
VEREDAS NOS LIMIARES DE “SERTÃO GRANDE”

*UNFOLDED FRAGMENTS: THE TRACES OF GRANDE SERTÃO: VEREDAS IN
THE THRESHOLDS OF “SERTÃO GRANDE”*

Daniela Martins Barbosa Couto¹

RESUMO: As referências e citações à obra *Grande Sertão: veredas*, de João Guimarães Rosa, conduzem e compõem os textos jornalísticos da série “Sertão Grande”, publicada pelo jornal *Estado de Minas* em 2012. Os trechos do romance, neste trabalho, são lidos considerando-se a perspectiva de Walter Benjamin (1986, 2007) sobre os fragmentos para, assim, perceber-se como o sertão literário do romance se torna rastros que, desdobrados nas páginas do jornal impresso, possibilitam a construção das histórias jornalísticas narradas.

Palavras-chave: fragmento; limiares; narrativas.

ABSTRACT: The references and citations of *Grande Sertão: veredas*, by João Guimarães Rosa, lead and make up the journalistic texts of the series “Sertão Grande”, published in 2012 by the newspaper *Estado de Minas*. The passages of the novel are read considering the concept of fragments, according to Walter Benjamin (1986), in order to identify how the literary “sertão” of the novel becomes tracks that unfolded in the pages of the printed newspaper, enable the construction of the news narrated.

Keywords: fragment; thresholds; narratives.

1. FRAGMENTOS DE SERTÃO

Um sertão de várias vozes e sotaques, paisagens e rumos ganha traços e contornos por meio da palavra escrita e, nas páginas do papel jornal, tem o relato de sua história multiplicado em milhares e milhares de exemplares. Uma parte dele é

¹ Mestre em Letras, UFSJ.

constituída pela apuração jornalística do contexto socioeconômico do interior mineiro durante os primeiros meses de 2012, período em que foi produzida a série “Sertão Grande”, composta por nove reportagens, em comemoração aos 60 anos da viagem de João Guimarães Rosa junto a Manuelzão pelo sertão mineiro. A outra é tecida por trechos retirados do romance *Grande Sertão: veredas*, publicado pela primeira vez em 1956 e considerado pela reportagem como uma representação do contexto sertanejo da época da viagem de Rosa entre Barreiro Grande e Araçaí. Assim, para traçar um paralelo entre a economia de 2012 e a economia dos anos de 1950, encontram-se, na mesma página, a narrativa que não se entrega e evita explicações — aqui entendida como as passagens do romance inseridas na série jornalística e que, em forma de citação direta ou indireta, abrem-se para leituras diferentes, conforme será discutido adiante — e a informação que “aspira uma verificação imediata” (BENJAMIN, 1987c, p. 203) e deve ser compreensível e clara — representada, nesse contexto, pelo texto das reportagens.

A série “Sertão Grande” se constitui, assim, por meio de uma constante interação entre literatura e jornalismo, ainda que a diferença entre ambos seja demarcada, pois “na primeira predomina o imaginário; no segundo, deve-se impor a realidade (histórica, atual) dos fatos narrados” (SODRÉ; FERRARI, 1986, p. 23). Quanto ao fato — histórico, diga-se de passagem —, pode-se observar que ele, segundo Le Goff (2003), não é um objeto acabado e objetivo, mas algo em construção, cuja leitura pode se modificar conforme o olhar lançado. Os documentos que constituem a História — e que são considerados fatos — são construídos conforme as seleções tanto das fontes quanto dos trechos registrados e, no contexto da série, a obra de Rosa foi considerada como esse documento, tanto que integra a tessitura da narrativa jornalística.

A linguagem torna-se, então, mediadora para a construção das histórias e, por isso mesmo, fundamenta tanto a narrativa ficcional quanto a jornalística que, embora separadas pela oposição entre realidade e imaginação, se reúnem em um mesmo

espaço textual. Trechos do livro são inseridos nas reportagens e indicam a questão a ser discutida no texto jornalístico, conforme pode ser percebido na passagem a seguir, retirada da primeira matéria da série:

Guimarães Rosa e Manuelzão percorreram regiões que não existem mais em Minas: povoados deram lugar a cidades, veredas foram engolidas por diferentes plantações, o progresso interferiu no costume do sertanejo. O autor sabia que a região estava prestes a mudar. Em *Grande Sertão: veredas* profetizou: ‘Ah, tempo de jagunço tinha mesmo de acabar, cidade acaba com o sertão. Acaba?’ (LOBATO; RIBEIRO, 25 de março de 2012b, p. 16).

Neste trecho, o texto jornalístico se constrói não apenas pelo contraponto do ontem e do hoje — contraponto esse que se encontra no limiar entre o fato e a ficção, pois concede limites a cada um dos textos e, ao mesmo tempo, é passagem entre um e outro —, mas também pelas inferências que são feitas e preenchem as lacunas. O autor *sabia* que o sertão mudaria e *profetizou* isso no romance. Nesse momento, autor e personagem são um só: o real e o imaginativo se encontram e dão o tom da narrativa. Tal trabalho, mediado pela linguagem, traz consigo a possibilidade de mescla entre fatos e ficções, pois a matéria-prima que compõe as histórias — sejam as dos livros, sejam as dos jornais — são as palavras e as memórias que, por sua vez, são maleáveis.

Dessa maneira, surgem fragmentos de um sertão que se torna múltiplo dentro dos limites que lhe são impostos pelo fazer jornalístico. É delimitado devido aos recortes feitos pela reportagem, tanto na obra quanto na seleção de personagens para as matérias e definição dos lugares que seriam visitados para a produção da série — lugares esses que existem tanto no romance quanto na geografia percorrida pelos repórteres. É múltiplo porque o fragmento não é, como argumenta Benjamin (1986a, 2007), o resto ou aquilo que sobra, mas algo autônomo e que possui a força motriz que possibilita a própria obra, sendo também, por si só, sobrevivências — “[...] são apenas lampejos [...] [e] nos ensinam que a destruição nunca é absoluta” (DIDI-HUBERMAN, 2011, p. 84) —, “Lampejo[s] para fazer livremente *aparecerem palavras* quando as

palavras parecem prisioneiras de uma situação sem saída” (DIDI-HUBERMAN, 2011, p. 130, grifo do autor). O sertão é, pois, o presente que surge do movimento contínuo entre o todo e as partes, entre leitura e escrita, lembrança e esquecimento — “Conto o que fui e vi no levantar do dia. Auroras” (ROSA, 2006, p. 607). É, portanto, o sujeito exercendo a ação sobre o vivido, é “o que foi” sendo atualizado no contar que se faz agora.

Para essa atualização, os lugares pelos quais andaram Guimarães Rosa e também os personagens por ele elaborados se tornaram os rastros que conduziram a produção jornalística. Em entrevista concedida à autora deste trabalho, Paulo Henrique Lobato (2014), jornalista que produziu e escreveu a série “Sertão Grande”, contou que durante a leitura de *Grande Sertão: veredas* marcou as localidades que eram citadas no romance e, a partir desse mapa construído com marcas de grafite às margens das páginas do livro, definiu o percurso a ser seguido para a elaboração das reportagens. Segundo ele, a escolha dos trechos do romance para serem inseridos nas matérias considerou, por sua vez, o contexto em que as localidades apareciam. Nesse ir e vir entre o romance e as reportagens, construiu-se a história referente à economia do sertão, uma vez que, em termos de linguagem e percepção, há os recontos do fato e não o fato em si.

Como já era de se esperar, as paisagens dos lugares já não são mais as mesmas — “Guimarães Rosa se surpreenderia com o novo sertão: o povoado de Barreiro Grande cresceu e se transformou em Três Marias, o de Araçaí se emancipou de Sete Lagoas” (LOBATO; RIBEIRO, 25 de março de 2012b, p. 16) —, mas a situação das pessoas não mudou tanto assim — “[...] a desigualdade social ainda enche de poeira as engrenagens do tecido social” (LOBATO; RIBEIRO, 25 de março de 2012b, p. 16). Nas linhas que tecem os textos, a memória se faz presente todo o tempo. “Falo por palavras tortas. Conto minha vida, não entendi. O senhor é homem muito ladino, de instruída

sensatez. Mas não se avexe, não queira chuva em mês de agosto. Já conto, já venho — falar no assunto que o senhor está de mim esperando. E escute” (ROSA, 2006, p. 490).

Os sentidos são, também, as palavras tortas que, em ziguezagues, costuram as memórias de Riobaldo, personagem-narrador de *Grande Sertão: veredas*, e levam o leitor num ir e vir pelos vários tempos e lugares grafados por Guimarães Rosa no romance. O personagem conta sua vida, mas não a entendeu: a palavra tenta, mas ainda assim não alcança o que está dentro dele. Chuva em mês de agosto? O que se tem nesse tempo são ventos e isso o sertanejo sabe bem. E, muitas vezes, o vento antecede as chuvas: cada coisa a seu tempo, seja, talvez, o que Riobaldo tenha a dizer. E por que “escute” e não “ouça”? Talvez, porque escutar esteja mais próximo de auscultar, procedimento que em medicina — e Guimarães Rosa era médico — aplica o estetoscópio, ou mesmo o ouvido, sobre determinada área para perceber os sons internos e, também, interiores.

Os sentidos tornam-se, assim, fluidos e, ainda que a busca pela representação da fala apareça na grafia — “A bom, eu não te ensinei; mas bem te aprendi a saber certo a vida...” (ROSA, 2006, p. 606) —, o que se tem é a própria textualidade tecida por diferenças de diferenças. No romance, o relato de Riobaldo abarca tal jogo — fala e grafia se aproximam —, mas, ainda assim, são diferenças que se estabelecem. A escrita é viva não porque a fala se manifesta nela, mas porque ela se torna viva na leitura e produz novos textos. Voltar ao sertão rosiano por meio do texto jornalístico da série “Sertão Grande” é agir como quem escava a terra e procura vestígios e, por isso, quem se aventura nesses caminhos “não deve temer voltar sempre ao mesmo fato, espalhá-lo como se espalha a terra, revolvê-lo como se revolve o solo. Pois ‘fatos’ nada são além de camadas que apenas à exploração mais cuidadosa entregam aquilo que recompensa à escavação” (BENJAMIN, 1987b, p. 239).

Nesse contexto, a travessia de *Grande Sertão: veredas* por meio de “Sertão Grande” é o passado escavado, revolvido, recortado e recontado que permite

encontrar, sob os traços da ficção, os elementos relacionados às questões socioeconômicas de tempos outros, tidos como paralelo para a construção das reportagens. Após revolvidos, os elementos são retirados da obra e ganham novo contexto: por meio de citações, o romance é inserido no texto jornalístico e traz para o contexto de leitura um diálogo que permite entrever a construção de uma imagem de sertão que pode ser interpretada por meio dos rastros deixados pelas palavras. E são esses rastros o foco do tópico seguinte.

2. OS RASTROS

As passagens retiradas de *Grande Sertão: veredas* podem ser lidas como o esconder e o revelar de trechos do sertão mineiro, pois, conforme Benjamin (1986b, 188), “esconder significa deixar rastros. Mas invisíveis”, ou, também, deixá-los livremente expostos para que sejam descobertos. Esses indícios, enquanto citação direta, são inseridos logo abaixo da vinheta da série, no alto da página, e contextualizam as reportagens (figura 1) que também trazem, no corpo de texto, citações diretas e indiretas.



FIGURA 1 — REPORTAGEM “VEREDAS DO NOVO SERTÃO”

FONTE: LOBATO; RIBEIRO (25 mar. 2012b).

A primeira citação, que abre a série jornalística e está logo acima do título, é a mesma frase que, no livro, encerra o romance — “O diabo não há! É o que digo se for... Existe é homem humano. Travessia” (ROSA, 2006, p. 608). A primeira reportagem, publicada no dia 25 de março de 2012, traz, além do enredo do livro, à margem esquerda da página — o que contribui para contextualizar o leitor e delimitar os espaços entre a realidade do romance e a realidade apurada pela reportagem —, os elementos comuns entre a série e a viagem de Rosa: as localidades visitadas e a quantidade de dias que a viagem abrangeu.

Aquilo que finaliza o romance e é seguido pelo símbolo do infinito — portanto, a abertura para a significação ou, também, para a possibilidade de uma narrativa que se forma na experiência — é, na reportagem, o que a abre e é seguido do título que orienta a leitura para uma percepção mais direcionada sobre o sertão de hoje. Enquanto rastro, que contém o sertão de Riobaldo e Diadorim, sem, no entanto, revelá-lo, a citação narra pela impossibilidade de narrar e, ao mesmo tempo, ecoa o romance e se cala, e adquire novos rumos na justaposição com outros elementos na página do jornal: as veredas do novo sertão sendo abertas pelas máquinas, cuja imagem sobreposta aos buritis no *layout* da página impressa destitui o verde da paisagem sertaneja.

A informação se explica e, num primeiro olhar, antes mesmo de caminhar pelo texto jornalístico, já se mostra por meio da justaposição entre título, subtítulo e fotografias. Não há apenas uma mudança de contexto do trecho do romance, mas de significação: a presença do homem — e de sua travessia constante — é lembrada enquanto aquilo que altera as veredas que, no novo sertão, abrangem tanto a resistência dos buritis, quanto o movimento dos tratores revolvendo a terra para trazer o progresso que, muitas vezes, se torna retrocesso, pois nas relações de produção a exploração de classe ainda permanece inalterada.

Ao discutir a formação de um centro urbano, articulando espaço e tempo, Sandra Jatahy Pesavento (2008) observa que os componentes que o presidem são os elementos estruturais que traçam e organizam o espaço físico, a apropriação do espaço no tempo que transforma o espaço em território onde acontece a sociabilidade e “a dotação de carga imaginária de significados a este ‘espaço-território’ no tempo, transformando-o em lugar portador do simbólico e das sensibilidades” (PESAVENTO, 2008, p. 05).

O sertão que surge desses caminhos que entram pelas palavras da literatura e do jornalismo e agregam fragmentos da obra de Rosa conduz o leitor a um espaço em que os dizeres reúnem ficção e factual, sociabilidades imaginárias e físicas, e aspectos simbólicos que tanto se referem à constituição de um centro urbano — o sertão já não é de tantos vazios e a emancipação já acontece nas localidades — quanto à dinâmica em que passado e presente se encontram para tratar de futuros.

Conforme figura 2, na reportagem “Pó que não vem mais do chão”, publicada também no dia 25 de março, a citação que precede o título — “[Zé Bebelo] dizendo que, depois, estável que abolisse o jaguncismo, e deputado fosse, então reluzia perfeito o Norte, botando pontes, baseando fábricas [...]” (ROSA *apud* LOBATO, 25 de março de 2012d, p. 17) — aponta uma situação nunca cumprida no romance, mas que deixa um rastro para que se contextualize no texto jornalístico.



FIGURA 2 — REPORTAGEM “PÓ QUE NÃO VEM MAIS DO CHÃO”

FONTE: LOBATO (25 mar. 2012d).

Esse rastro é o parque fabril que se instalou em distritos industriais de cidades como Montes Claros, Três Marias e Pirapora. Há, contudo, um detalhe a ser observado: ao olhar para a citação, a foto e o título, nessa ordem, o que se desdobra é a leitura de que, se nos tempos do romance o pó vinha da poeira do sertão, hoje ele é a fumaça que vem das fábricas e se mistura às nuvens. Título e imagem se reforçam: os resíduos poluentes ganham os ares; já a citação segue por outro caminho: aponta para o desenvolvimento. Novamente, se fazem presentes as metáforas míticas do progresso — erguer pontes, levantar fábricas, reluzir o Norte — e, para desmascará-las, Benjamin (*apud* BUCK-MORSS, 2002), observa que é preciso olhar os objetos pequenos e descartados. Nesse caso, pode-se perceber que os resíduos, seja a poeira do passado, vinda do chão, seja a fumaça do presente, vinda das chaminés, continuam a impregnar a paisagem do sertão.

Já na reportagem “Riqueza escondida no broto da terra”, veiculada no dia 26 de março de 2012, a citação se desdobra no texto jornalístico como uma abertura de possibilidades para o contexto econômico da região: “Mas os caminhos não acabam. Tal por essas demarcas de Grão Mogol, Brejo das Almas e Brasília [...]” (ROSA *apud* LOBATO; RIBEIRO, 25 de março de 2012a, p. 18). No romance, o trecho refere-se ao ir e vir de Riobaldo e seu grupo, e envolve a amplitude que o sertão tem e os poucos recursos que oferece. Inserida na página do jornal, a citação dialoga com a informação de que a descoberta de minério de ferro tem trazido investimentos ao sertão. Justaposto no espaço da informação, o fragmento da narrativa é o elemento que remete à obra de Guimarães Rosa, mas dela também se distancia na medida em que muda o rumo do seu sentido, dada as relações discursivas com os demais elementos do texto jornalístico.

A citação “E Zé Bebelo corrigiu, para eu ouvir, os projetos que tinha [...] Não queria saber do sertão, agora ia para a capital, grande cidade. Mover com comércio, estudar para advogado” (ROSA *apud* LOBATO, 26 de março de 2012b, p. 10) surge na reportagem “Comércio agora mantém o sertanejo em casa”, do dia 26 de março, como uma referência à migração brasileira que aconteceu no século XX e, ao mesmo tempo, possibilita o paralelo entre o passado e o presente: “Hoje, se o personagem fosse de carne e osso, teria grande oportunidade de se empregar no varejo ou se bacharelar em direito no próprio sertão” (LOBATO, 26 de março de 2012b, p. 10).

As outras citações que aparecem na série “Sertão Grande” também atuam como narrativas que ora se abrem à interpretação, ora se exaurem na informação. A citação “Pois fomos, ligeiro, ver o que, subindo pelo resfriado. Passava era uma tropa, os diversos lotes de burros, que vinham de São Romão, levavam sal para Goiás” (ROSA *apud* LOBATO, 27 de março de 2012a, p. 14), que integra a reportagem “Cavalos agora vão no motor”, faz o contraponto entre os tropeiros que povoam *Grande Sertão: veredas* e os que, na época das matérias, transitavam pelo sertão mineiro.

Ainda que invisível na citação, a poeira do sertão continua a se fazer presente. “Afiml, estrutura e pormenor sempre têm uma carga histórica” (BENJAMIN, 1986a, p. 35). Essa estrutura que conserva em si a história também pode ser percebida nos rastros deixados pela citação — “Ah. Diz-se que o Governo está mandando abrir boa estrada rodageira, de Pirapora a Paracatu, por aí...” (ROSA *apud* LOBATO, 28 de março de 2012c, p. 14) — que precede a reportagem “Estradas trazem dinheiro e tragédia”. Paracatu, Pirapora e São Francisco são os lugares visitados e a BR 040 é um dos focos.

No romance, o trecho citado está num contexto que pode ser interpretado como a esperança de que os caminhos melhorassem o ir e vir pelo sertão; no factua! da matéria jornalística, ele é o paralelo para desvelar que a estrada, inaugurada nos anos de 1960, contribuiu para a ida de fábricas para a região e para o escoamento de produção, mas que, no entanto, tem entrado em franca decadência, com grande parte de sua extensão ultrapassada.

Já na reportagem “Trem levou as pessoas e deve trazer o minério” — que tem como citação “Seo Assis Wababa oxente se prazia, aquela noite, com o que o Vupes noticiava: que em breves tempos os trilhos do trem-de-ferro se armavam de chegar até lá, o Currallinho então se destinava ser lugar comercial de todo valor” (ROSA *apud* LOBATO, 29 de março de 2012f, p. 22) —, os rastros do romance nos lugares visitados pela série de reportagem contêm o futuro guardado em passados. A estrada de ferro, imagem do movimento espacial do progresso segundo Buck-Morss (2002), é também, na reportagem, a imagem do fluxo migratório.

Corinto e Lassance — O alemão Vulpes, personagem de *Grande Sertão: veredas* que vendia de tudo a fazendeiros, acertou em cheio quando disse ao também ‘estranja’ Assis Wababa, um comerciante turco, que Currallinho lucraria bastante com a chegada do trem [...] A chegada da estação ferroviária impulsionou tanto a economia do povoado que o lugarejo se emancipou de Curvelo. Currallinho agora é Corinto (LOBATO, 29 de março de 2012f, p. 22).

Janaúba e Jequitaiá são outras localidades que a reportagem visitou. Com a citação “Sabíamos: um pessoal nosso perpassava por lá, na Jaíba, até à Serra Branca, brabas terras vazias do Rio Verde Grande” (ROSA *apud* RIBEIRO, 30 de março de 2012, p. 15) precedendo o título “Frutas e pedras dão nova cor à paisagem”, os rastros apontam para um sertão cheio de vazios e jagunços — no caso da obra literária —, mas que, agora, possui novos tons e está preenchido pela fruticultura e por trabalhadores, conforme a apuração feita pela reportagem. Assim, o pessoal que por lá perpassa atualmente cultiva a terra e altera a paisagem que, em 2012, tornou-se preenchida por frutas.

Mas, se a maioria dos rastros do romance, até então, desdobrou-se nos lugares percorridos pela reportagem apontando possibilidades para o sertão construído através da linguagem jornalística, na última matéria da série os rastros mudam de direção e se voltam para um sertão onde são poucos os que têm acesso aos recursos. Japonvar e Buritizeiro são as localidades visitadas e o título da reportagem é “Pobreza parece mais perene que os rios”.

No contexto do romance *Grande Sertão: veredas*, a citação “Aquela gente depunha que tão aturada de todas as pobreza e desgraças. Haviam de vir, junto, à mansa força. Isso era perversidades? Mais longe de mim — que eu pretendia era retirar aqueles, todos, destorcidos de suas misérias” (ROSA *apud* LOBATO, 31 de março de 2012e, p. 14) refere-se à passagem em que Riobaldo, já chefe dos jagunços, convence e arrebanha pobres coitados para seu bando. Oferece-lhes esperança, mas não os tira de suas misérias: na obra literária, eles continuam em situação de subserviência. No romance, a exploração da mão de obra das pessoas fica clara e, na reportagem, o que prevalece é o foco na desigualdade social da região. Tal contexto lembra discussão de Buck-Morss (2002) referente ao progresso que acontece no nível da produção, mas que não se repete nas relações de produção, mantendo inalterada a exploração de classe.

Diante da discussão aqui realizada, observa-se que o sertão do romance, inserido por meio de fragmentos na série jornalística, foi desdobrado: ainda que o rastro contivesse o sertão literário, na interação com os títulos, textos e imagens das reportagens, ele se modificou. As marcas dos desdobramentos revelaram que ele não continuava sendo tão somente o sertão de *Grande Sertão: veredas*, pois os deslocamentos de passagens da obra alteraram o sentido de alguns trechos, mas também não se afastava completamente do sertão literário, uma vez que ele foi a base para o contraponto entre duas realidades: a economia dos anos de 1950 e do ano de 2012. Os rastros do sertão rosiano conduziram a reportagem no preenchimento de lacunas e essas lacunas levaram à construção de outra história: a jornalística.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acima do título de cada reportagem da série “Sertão Grande”, citações diretas retiradas do romance *Grande Sertão: veredas* funcionam como rastros para o leitor seguir pelo interior mineiro. O que ele encontra é um sertão de muitas formas que pode se alterar conforme as relações que estabelece com os saberes que cada leitor já tem e com os elementos da página impressa na qual é inserido.

A palavra escrita concede ao sertão contornos e formas que, conforme o prisma, ora são semelhantes, ora são distintos. Os fragmentos da obra de Rosa presentes nas reportagens da série foram, assim, percebidos não apenas como a presença de uma obra dentro de outro texto, mas, além disso, como lacunas que, preenchidas no ato da leitura, contribuíram para constituir um olhar sobre o sertão mineiro sessenta anos após a viagem que Rosa fez no lombo de um cavalo, colhendo informações para a escrita de sua obra ficcional.

Nos contextos apurados pela reportagem, a situação socioeconômica melhorou em alguns lugares, mas, em outros, as dificuldades permanecem — são perenes como

as águas dos rios. Assim como o sertão do romance, o sertão geográfico percorrido pela série de reportagens também tem suas veredas e misérias. Os rastros, assim, podem ser vistos também como os elementos que se repetem, tais como a demarcação dos lugares e a presença dos personagens do romance no contexto jornalístico. Percebe-se, ainda, o rememorar de um passado: o que antes fora progresso, tal qual a estrada rodageira, também mostra a decadência, pois grande parte de sua extensão ficou ultrapassada.

Os fragmentos do sertão rosiano desdobrados dentro da página do jornal abrem a interpretação para um sertão de opostos — miséria e riqueza, atraso e progresso, veredas e devastação —, mas que, juntos, remetem à construção de um sertão não apenas mítico nem somente econômico, mas um sertão que se faz do cotidiano de quem nele vive, das esperanças de quem nele anda, das certezas que se tornam poeira, da poeira que se torna alicerce e faz a travessia acontecer em busca de dias melhores. Nesse ponto, tanto o romance quanto a reportagem remetem ao labor da vida sertaneja que flui entre as margens da ficção e do fato, entre o romance e a reportagem.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. “A ruína”. In _____. *Documentos de cultura, documentos de barbárie: escritos escolhidos*. Seleção: Willi Bolle. Trad. Celeste H. M. Ribeiro de Sousa et al. São Paulo: Cultrix: Editora da Universidade de São Paulo, 1986a, pp. 31-35.

_____. “Revelações sobre o coelho da Páscoa ou: a arte de esconder”. In _____. *Documentos de cultura, documentos de barbárie: escritos escolhidos*. Seleção: Willi Bolle. Trad. Celeste H. M. Ribeiro de Sousa et al. São Paulo: Cultrix: Editora da Universidade de São Paulo, 1986b, pp. 188-189.

_____. “Guichê de achados e perdidos”. In _____. *Rua de mão única: obras escolhidas*. v. 2. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho e José Carlos Martins Barbosa. São Paulo: Brasiliense, 1987a, p. 43.

_____. “Escavando e recordando”. In _____. *Rua de mão única: obras escolhidas*. v. 2. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho e José Carlos Martins Barbosa. São Paulo: Brasiliense, 1987b, pp. 239-240.

_____. “O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov”. In _____. *Obras escolhidas — Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 3. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987c, pp. 197-221.

_____. “Sobre o conceito de história”. In _____. *Obras escolhidas — Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 3. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987d, pp. 222-232.

_____. “O intériur, o rastro”. In OTTE, Georg; SELDMAYER, Sabrina; CORNELSEN, Elcio (Org.). *Limiares e passagens em Walter Benjamin*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2007, pp. I 247-I 262.

BUCK-MORSS, Susan. *Dialética do olhar: Walter Benjamin e o projeto das Passagens*. Trad. Ana Luiza Andrade. Belo Horizonte; Chapecó: Editora UFMG: Editora Universitária Argos, 2002.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *Sobrevivência dos vaga-lumes*. Trad. Vera Casa Nova e Márcia Arbex. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

LE GOFF, Jacques. “Memória”. In _____. *História e memória*. Trad. Bernardo Leitão et al. 5. ed. Campinas: Unicamp, 2003, pp. 419-476.

LOBATO, Paulo Henrique. “Cavalos agora vão no motor: tropeiros do século 21 dispensam os animais e ganham agilidade ao volante de caminhonetes”. *Estado de Minas, Série Especial Sertão Grande, Caderno Economia*, 27 de março de 2012a, p. 14.

_____. “Comércio agora mantém o sertanejo em casa: varejo no Norte de Minas comemora renda maior e cresce acima da média nacional”. *Estado de Minas, Série Especial Sertão Grande, Caderno Economia*, 26 de março de 2012b, p. 10.

_____. “Estradas trazem dinheiro e tragédia: pistas ruins e trechos em terra mantêm o mal como nos dias de Rosa: à espreita em cada curva”. *Estado de Minas, Série Especial Sertão Grande, Caderno Economia*, 28 de março de 2012c, p. 14.

_____. “Pó que não vem mais do chão: grandes indústrias chegam ao Norte de Minas, gerando emprego e renda e alterando a paisagem”. *Estado de Minas, Série Especial Sertão Grande, Caderno Economia*, 25 de março de 2012d, p. 17.

_____. “Pobreza parece mais perene que os rios: desenvolvimento que transforma o sertão da obra-prima de Rosa ainda é privilégio de poucos”. *Estado de Minas, Série Especial Sertão Grande, Caderno Economia*, 31 de março de 2012e, p. 14.

_____. “Trem levou as pessoas e deve trazer o minério: ferrovia não transporta mais passageiros, mas escoar a produção do cerrado”. *Estado de Minas, Série Especial Sertão Grande, Caderno Economia*, 29 de março de 2012f, p. 22.

_____. *Paulo Henrique Lobato: entrevista sobre a produção da série de reportagens “Sertão Grande”*. Entrevistadora: Daniela Martins Barbosa Couto. Sede do Jornal Estado de Minas, Belo Horizonte, 16 de dezembro de 2014. 38 min., formato mp3.

LOBATO, Paulo Henrique; RIBEIRO, Luiz. “Riqueza escondida no broto da terra: descoberta de minério de ferro faz os investimentos correrem rumo ao cerrado”. *Estado de Minas*, Série Especial Sertão Grande, Caderno Economia, 25 de março de 2012a, p. 18.

_____. “Veredas do novo sertão: riqueza, emprego e tecnologia pintam cores diferentes no cenário de Guimarães Rosa”. *Estado de Minas*, Série Especial Sertão Grande, Caderno Economia, 25 de março de 2012b, p. 16.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. História, memória e centralidade urbana. *Revista Mosaico*, v. 1, n. 1, p. 3-12, jan./jun. 2008. Disponível em: <<http://seer.ucg.br/index.php/mosaico/article/view/225/179>>. Acesso em: 05 jan. 2015.

RIBEIRO, Luiz. “Frutas e pedras dão nova cor à paisagem de Janaúba: projetos de irrigação pintaram o cenário terroso que esconde topázios e turmalinas”. *Estado de Minas*, Série Especial Sertão Grande, Caderno Economia, 30 de março de 2012, p. 15.

ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: veredas*. 1. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

SODRÉ, Muniz; FERRARI, Maria Helena. *Técnicas de reportagens: notas de narrativas jornalísticas*. São Paulo: Summus, 1986.

Recebido em: 02/03/2017

Aceito em: 10/05/2017